

O FEMININO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CULTURAIS *RAP* E *BREAK* DO MOVIMENTO *HIP HOP* EM TERESINA-PI

Adriana Loiola do Nascimento (PIBIC-CNPq/UFPI)
adrianna18199@hotmail.com

RESUMO

Construídos social e culturalmente, os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade são desiguais, reproduzindo a supremacia masculina sobre a feminina. No movimento *Hip Hop* em Teresina, a ação masculina é mais visível. Entretanto, embora com certa timidez, percebemos a presença feminina nas vertentes do movimento *Hip Hop* (*Rap*, *Break*, *Grafite* e *DJ*). Procuramos compreender por que as jovens mulheres, praticantes da dança *Break* e MC da música *Rap*, desempenham papéis reduzidos nessas práticas. Este trabalho de natureza qualitativa utilizou três instrumentais de coleta de informações: a observação, a entrevista semi-estruturada e o diário de campo, alicerçando-se teoricamente em Saffioti (1987), Barreto, Araújo e Pereira (2009), Melucci (2005), Scott (1995) dentre outros. Quanto aos resultados obtidos em coerência com as falas dos/as participantes da pesquisa, o homem aparece no papel de provedor do Movimento *Hip Hop*, onde as mulheres ainda são vistas como aprendizes e submissas ao homem.

Palavras-chave: Relações de Gênero. *Rap*. *Break*.

1. Linhas Introdutórias: como chegamos ao cruzamento Gênero e Movimento *Hip Hop*¹ (*Rap* e *Break*)...

Este trabalho é oriundo das observações e constatações efetivadas durante a pesquisa **Juventudes, Música e Estilos: construção de uma Cultura de Paz pelos grupos de *Rap* e *Break* em Teresina-PI**. Este estudo desenvolveu-se no período compreendido entre julho de

¹ O movimento *Hip Hop* surgiu no final da década de 1960 como um movimento de jovens negros e hispano-americanos dos guetos pobres do Bronx, nos arredores de Nova Iorque-EUA. Por meio de manifestações artísticas, o movimento representou uma saída para expressão e identificação de uma juventude que vivenciavam situação de exclusão econômica, educacional e racial. O movimento *Hip Hop* norte-americano é composto de quatro elementos: o *rap* (música), o *break* (dança), o *grafite* (artes plásticas) e o *DJ* (som). No Brasil, esse movimento chegou no início da década de 1980, sendo divulgado nos bailes e nas lojas específicas de música negra. As ruas e as praças dos grandes centros urbanos tornaram-se espaços para a socialização dessa manifestação cultural juvenil.

2010 a agosto de 2011, objetivando, dentre outros aspectos, compreender a influência dos estilos culturais juvenis *Rap* e *Break* para a construção de uma Cultura de Paz no interior de cada grupo pesquisado e nas comunidades onde vivem seus protagonistas, com base na análise de suas produções musicais e da dança.

Em nossas idas às comunidades, bailes e encontros com os grupos, percebemos que a maioria dos integrantes do Movimento *Hip Hop* teresinense é do sexo masculino. Daí derivaram-se algumas indagações, tais como: por que a predominância do gênero masculino no Movimento *Hip Hop*? Qual o papel assumido pelas mulheres dentro desse Movimento? Se as mulheres fossem as protagonistas do Movimento *Hip Hop*, quais seriam as principais mensagens expressas por elas? A escassez de mulheres nas práticas juvenis *hip hopianas*² seria falta de interesse feminino? Como são construídos os espaços de participação e efetivação feminina e masculina dentro do Movimento *Hip Hop*? Que símbolos caracterizam o “ser homem” e o “ser mulher” dentro das práticas culturais *hip hopianas*? Quais os papéis desempenhados pelas mulheres e pelos homens dentro das práticas do movimento *Hip Hop*?

Visando responder tais anseios, buscamos neste trabalho analisar a Construção das Identidades de Gênero nas Práticas Culturais *Rap* e *Break* do Movimento *Hip Hop* Teresinense. Neste aspecto, para a consolidação da pesquisa, contamos com a colaboração de quatro grupos juvenis, dois de *Rap* e dois de *Break*, respectivamente assim definidos e situados: grupo de *Rap* “A Irmandade” atuando na vila Bom Jesus e bairro Areias (popularmente denominado Vila Afegão), zona sul da cidade de Teresina-PI, grupo de *Rap* “Afronto”, que atua no bairro Parque Piauí, zona sul da cidade, grupo de *Break* “Bomber Crew” agindo no bairro Dirceu Arcoverde I, região sudeste de Teresina e grupo de *Break* “Old Style” que também desenvolve suas atividades no bairro Dirceu Arcoverde I.

Para que os objetivos fossem alcançados, foi necessário o planejamento de algumas estratégias metodológicas. Flick (2004) nos diz que é a complexidade dos objetos e fenômenos em estudo que irão determinar a escolha do método a ser utilizado e não o contrário. Partindo deste preceito, acreditamos que os procedimentos da pesquisa qualitativa sejam os mais viáveis e compatíveis frente ao que nos propusemos a estudar.

² A expressão *Hip hopianas*, é usada no texto para designar a prática das vertentes do Movimento *Hip Hop*.

Melucci (2005) nos aponta que a pesquisa qualitativa trabalha associando tanto dados quantitativos (objetivos) quanto qualitativos (subjetivos), significando com isso que, mesmo em informações estatísticas e nas falas dos sujeitos de um universo estudado, há significados que não somente o pesquisador interpreta (significa ou ressignifica), mas também os próprios atores sociais do contexto investigado dão sentido à sua realidade.

Neste sentido, foram estudadas, observadas e analisadas as práticas juvenis, as relações, os papéis e os conceitos estabelecidos entre jovens homens e jovens mulheres praticantes da música *Rap* e da dança *Break* teresinense, por meio de três instrumentais de coleta de informações: a observação, a entrevista semi-estruturada e o diário de campo.

Os sujeitos entrevistados assim se dividem: 04 (quatro) jovens do grupo de *Break* “Bomber Crew” (sendo duas mulheres e dois homens); 04 (quatro) jovens do grupo de *Break* “Old Style” (sendo duas mulheres e dois homens); 02 (dois) membros do grupo de *Rap* “A Irmandade” (sendo uma mulher e um homem) e 02 (dois) integrantes do grupo de *Rap* “Afronto” (sendo uma mulher e um homem). Sistematizando: estudamos duas vertentes do Movimento *Hip Hop* (*Rap* e *Break*), contamos com a colaboração de quatro grupos juvenis (02 de música *Rap* e 02 de dança *Break*) e entrevistamos doze sujeitos, 06 (seis) mulheres e 06 (seis) homens.

Para a geração dos dados, o enfoque assumido foi etnográfico, que para além da busca dos resultados, privilegia o processo de interação entre pesquisadoras e os sujeitos pesquisados, visando apreender os sentidos, valores e conhecimentos, estabelecidos entre ambos. Referente ao enfoque etnográfico, Sousa corrobora dizendo que “[...] as realidades são distintas e não podem ser comparadas; importante para a pesquisa é mergulhar nas realidades para conhecê-las. A interação é o meio que possibilita compreender os papéis e lugares sociais ocupados, valores e atitudes envolvidos nas situações forjadas na e pela pesquisa”. (SOUSA, p. 20, 2011).

No tocante aos resultados, na prática juvenil *Rap*, encontramos algumas mulheres MCs (Mestre de Cerimônia - cantoras de *Rap*), ainda em número pequeno. Parte delas divide o palco e o microfone com MCs do gênero masculino. Suas participações são mínimas, e se configuram pelo canto de duas e, no máximo, três músicas da faixa do CD produzido pelos homens integrantes dos grupos estudados. Em Teresina, atualmente, não encontramos grupos de *Raps* formados somente por mulheres. Em outras cidades, há casos raros, sendo exemplo o grupo “Atitude Feminina” da cidade de Brasília - DF.

Referente à prática de dança *Break* predomina a visão de mulher aprendiz e pouco habilitada para competições de grande porte, como exemplo as batalhas, que são as competições de dança *Break* entre as *Crews*³. Nas batalhas, há grande predominância do gênero masculino e as mulheres dificilmente entram nelas. É possível encontrar uma ou outra, mas as competições sempre são centradas na figura masculina.

Uma prática bastante comum nas batalhas, quando há presença razoável de *B' Girls*⁴ são as competições divididas entre os gêneros: *B'boys*⁵ contra *B'boys* e *B' Girls* contra *B' Girls*. Por que não realizar uma batalha mista, *B'boys* contra *B' Girls*? A mulher praticante da dança *Break* não estaria suficientemente preparada para competir com os jovens homens? Ela não teria habilidade e capacidade igual ou até mesmo superior de suscitar passos inusitados e movimentos provocantes exigidos nas competições entre as *Crews*?

Percebe-se claramente nos depoimentos e nas atitudes dos jovens homens praticantes do movimento *Hip Hop*, a visão de superioridade do gênero masculino sob o feminino. Constatamos, então, que é no decorrer das experiências vividas que aprendemos, nos mais diversos espaços de socialização, valores que, por vezes, são dicotômicos ao explicar o que é ser homem e ser mulher. Essa dicotomia, segundo Vianna e Neves (2006), entre o masculino e o feminino, se apresenta de forma excludente e hierarquizada, na qual os valores e os significados femininos ocupam um lugar inferior. Os meninos/rapazes são, na maioria das vezes, considerados como aqueles que possuem a capacidade inata de liderar, de comandar e representam o lado forte nas relações; às meninas/moças são atribuídas características mais frágeis, mais caracterizadas pela sensibilidade.

Scott (1995), Louro (1997) e Meyer (2000), ao detalharem o modo de teorizar o gênero, pontuam a importância da articulação entre gênero e educação, ampliando a noção de educação para além de processos familiares e/ou escolares. Educar, neste caso, engloba um complexo de forças e de processos no interior dos quais os indivíduos são transformados, e estes envolvem estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas.

³ Grupos de dança *Break*. *Crews* significa grupos.

⁴ Dançarinas de *Break* do gênero feminino.

⁵ Dançarinos de *Break* do gênero masculino.

2. Naturalização dos Processos Socioculturais de Discriminação Contra a Mulher

Na sociedade contemporânea ainda é presente e visível a diferenciação de papéis atribuídos a homens e mulheres. A identidade social da mulher, como também do homem é construída a partir de determinados padrões socioculturais que orientam distintos papéis de acordo com a categoria de sexo. Assim, desde que nascemos somos orientados a conviver em sociedade de maneira distinta, caso sejamos menino ou menina.

Desde concebidos/as no ventre materno, já existem indicações que irão influenciar na determinação de nossa identidade de gênero. A mãe ao fazer tratamento pré-natal, sabendo ser o bebê menina prepara todo o enxoval na cor rosa, caso seja menino a cor se modifica para azul. As diferenciações perduram ao longo de nossa infância: os brinquedos (carrinhos para meninos, bonecas para as meninas), reforçam a ideia tradicionalmente atribuída às mulheres de cuidado do lar e dos filhos. O modo de vestir-se, sentar-se e falar também reforçam as diferenças entre os gêneros e quando adultos vemos diferenciações quanto ao requisito emprego.

Desse modo, mesmo não nascendo homens ou mulheres, nos constituímos como tal, por meio de padrões culturalmente estabelecidos, que nos dizem como “ser homem” e como “ser mulher”. Assim, nos afirma Saffioti (1987): “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída”. (SAFFIOTI, 1987, p.10).

O contexto social e a cultura ditam comportamentos, reprimem expressões, controlam impulsos e desejos, moldam o indivíduo, que vai tecendo sua singularidade pessoal e coletiva de acordo com as determinações e características de um grupo maior, que é peculiar da sociedade na qual está inserido. Com esta perspectiva, Gonçalves nos diz que

A cultura imprime suas marcas no indivíduo, ditando normas e fixando ideais nas dimensões intelectual, afetiva, moral e física, ideais esses que indicam à Educação o que deve ser alcançado no processo de socialização. O corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente, sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade. Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social. (GONÇALVES, 1994, p. 13-14).

Estas relações e variações entre os gêneros diferem-se de sociedade para sociedade, visto que dependem do contexto histórico-social. As naturalizações que ditam o que é “ser homem” e “ser mulher” reforçam as discriminações entre os gêneros e impelem a condição de

superioridade masculina sob a feminina. Precisamos desenvolver e assumir uma postura crítica em relação aos processos de naturalização das diferenças, dos preconceitos, das desigualdades e das violências.

Nos séculos XIX e XX, as mulheres, negros e homossexuais, foram submetidos à condição de segregados da sociedade, por falta de acesso à cidadania. Durante muito tempo a mulher viveu vetada do direito ao voto, por se acreditarem e defenderem que a mesma tinha um cérebro menor que o homem, daí decorria sua inferiorização e submissão ao gênero masculino. A discriminação em relação às mulheres ou ao feminino articula-se às relações históricas, que são naturalizadas e muitas vezes tidas como “dons biológicos da mulher”.

Em virtude de a mulher exercer a maternidade, naturalizou-se a ideia de que o cuidado do lar, a educação e socialização dos/as filhos/as são responsabilidades primordiais femininas. Dessa forma, difundiu-se a concepção de que pelo fato *natural* da mulher ser mãe, também é *natural* sua responsabilidade sob os afazeres domésticos. Daí derivou-se também outra concepção de que a mulher por ser “mais dócil”, tinha que desempenhar funções “compatíveis” com a sua essência feminina, tida como “frágil” e “romântica”, somadas as diferenciações quanto às áreas de atuação feminina e masculina.

Desse modo, à mulher cabem os estudos e as práticas da área das ciências humanas, voltadas para o ensino, visto sua capacidade materna, definidas pelas características da “docilidade” e “fragilidade”, “impedindo-a” de desempenhar funções mais complexas. Que irônica tal concepção! Docilidade está vinculada à prática do carinho, da gentileza... O macho não deveria ter também tais virtudes? E a prática de ensinar, como exemplo, é uma ação simples ou muito complexa? Ao homem, destinam-se as áreas dos conhecimentos que usam cálculos e/ou negócios, visto suas capacidades intelectuais tidas como superiores. Os meninos/rapazes são, na maioria das vezes, considerados como aqueles que possuem a capacidade inata de liderar, de comandar e representam o lado forte nas relações; às meninas/moças são atribuídas características mais frágeis tendentes à sensibilidade.

Não obstante tais concepções, com os Movimentos Feministas, que lutam pela igualdade de gênero e pelos direitos da mulher, algumas conquistas são concretas e visíveis. Mulheres desempenhando cargos políticos (a exemplo de prefeitas, deputadas, ministras e até presidenta, no caso do Brasil e Argentina), judiciários (juízas, desembargadoras, promotoras), empresariais (administradoras e gerentes de empresas), sindicais (rurais e urbanos), acadêmico-administrativos (reitoras, pró-reitoras, diretoras de centros, coordenadoras de cursos) e científicos (pesquisadoras sobre genomas, arqueólogas, terapias naturais), até pouco tempo atrás considerados ambientes exclusivamente masculinos. Também, por muitas vezes,

podemos encontrar homens e mulheres desempenhando as mesmas funções. Entretanto, ainda é realidade o salário desigual entre ambos, em que a mulher por mais que realize a mesma tarefa que a masculina, acaba por receber um salário inferior.

Como podemos perceber no entrelaçar das ideias deste trabalho, geralmente em situações bem cotidianas, acabamos por vivificar as discriminações entre os gêneros, atribuindo ou até mesmo justificando tais diferenças à natureza e à biologia. Algo que é completamente equivocado, já que sabemos que a construção social do indivíduo independe de fatores biológicos e que este baseia-se nos processos de socialização, educação e da cultura nas quais ele está inserido. Assim, nos dizem Barreto, Araújo e Pereira

O olhar que lançamos às diferenças existentes entre nós, sejam elas de pertencimento à determinada classe social, gênero, raça, etnia ou orientação sexual, é culturalmente e socialmente estabelecido. [...] Tais diferenças não podem ser atribuídas à natureza, à biologia, mas sim, ao processo de socialização que nos ensina a nos comportarmos segundo determinado padrão que, no caso de nossa discussão é o gênero. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 44).

A visão de inferioridade feminina frente à supremacia masculina está estreitamente ligada à falta de oportunidades conferidas à mulher. A ela eram restritos o espaço doméstico e o cuidado dos filhos. Dessa maneira, não tinham oportunidade de frequentar outros ambientes diferentes do espaço doméstico e lhes eram negadas outras formas de vida (oportunidades). Ao atribuir às mulheres responsabilidade exclusiva pelo ato de cuidar da prole e execução dos serviços domésticos, suas potencialidades eram reduzidas, centrando-se apenas na figura do lar, impedindo-as de desenvolverem outras potencialidades de que são portadoras.

Diante do exposto, constatamos que a superioridade masculina em detrimento da inferioridade feminina, é algo construído e estabelecido. Construída através da história de exclusão e dominação submetidas a grupos minoritários (mulheres, negros, índios, homossexuais), da sociedade que dita regras e comportamentos a serem seguidos de acordo com o sexo, e também através da cultura, que circunscreve sob seus indivíduos hábitos, costumes, crenças e aprendizagens que diferem homens e mulheres. É estabelecido pelo poder de dominação, concentrado em mãos masculinas. Os homens detêm privilégios e de certo poder argumentativo, algo que eles não querem perder para as mulheres.

Contudo, as desigualdades entre os gêneros vêm gradativamente sendo superadas, devido às discussões, lutas e movimentos das mulheres por conquistas políticas de igualdade e enfrentamento das imposições que as desvalorizam frente à supremacia masculina, também

pelo fato de que tais mudanças são resultados de novas construções históricas, movidas por ações feministas praticadas nas quatro últimas décadas.

3. O Traçar de algumas respostas não definitivas...

Após discorreremos acerca da construção das identidades de gênero, entendidas como algo que é construído e estabelecido social e culturalmente, após perambularmos, vivenciarmos e conversarmos com os/as jovens *hip hopianos/as*, podemos esboçar alguns olhares frente aos questionamentos norteadores deste estudo.

O ponto central seria a reduzida e quase escassez de mulheres praticantes das vertentes do Movimento *Hip Hop* e quais os motivos que favorecem tal contexto. A presença feminina vai diminuindo à medida que se passa do *Break* para o *Rap*, do *Rap* para o *DJ* e finalmente, deste para o *Grafite*. É raro encontrarmos mulheres grafiteiras. Em Teresina encontramos a participação feminina na prática do *Grafite*, mas apenas sob a ótica da aprendizagem. Meninas que estão aprendendo a grafitar e que já participam de encontros de *Grafite*, mas sempre auxiliadas pelos jovens homens.

O *Break*, apesar de exigir performances fortes, com saltos, piruetas e inovações, lidera a vertente do Movimento, no qual as mulheres estão presentes. Isto deve-se ao fato do exercício da dança e do estilo da *B'girl*, que geralmente pauta-se em calças de *lycra* (que realçam as formas físicas), blusas folgadas e tênis coloridos.

O Movimento *Hip Hop*, nascido nos guetos pobres de Nova York, idealizado por uma juventude urbana negra e de baixo poder aquisitivo, recebeu a conotação de movimento marginalizado. O estilo juvenil de ser *Rapper*, *B'boy*, *B'girl*, *Grafiteiro* ou *Grafiteira* e *DJ*, em geral com uso de roupas largas, tênis coloridos, tatuagens, marcas de tiros e/ou facadas que revelam as “tretas” vivenciadas, a linguagem reduzida às gírias, as mensagens cantadas, dançadas, pintadas, realçam sobre estes jovens estigmas, que irão segregá-los e determinarão suas posições “marginais” frente à sociedade. O estigma de ser jovem morador dos bairros de periferia e de ser negro fortalece as marcas definidoras de seus lugares na cidade, ferindo o olhar social sobre a atuação do Movimento *Hip Hop*.

De acordo com os/as jovens participantes da pesquisa, este **viés marginal atribuído ao Movimento *Hip Hop***, aliado a **superproteção familiar**, são os aspectos que mais interferem na participação feminina nas vertentes do Movimento, justificando a reduzida e quase escassez da mulher em tais práticas. A família pouco apoia a mulher que quer entrar neste segmento juvenil. Há um cuidar e uma expectativa em relação à filha mulher, por parte

de mães e pais, que dificultam a aceitação das meninas no meio de tantos meninos, como exemplifica a fala a seguir

Não tem mulher no *Break*, por que pai não aceita, é aquela coisa, ah minha filha vai ta no meio de um monte de homem, essas ideias entendeu? Eu vivo isso todo santo dia dentro de casa. [...]. Tem mulher que ela gosta do *Break*, só que prefere ficar com os pais, eu já não fui assim, eu preferi ficar com a dança e seguir em frente. E pros pais é uma coisa que não dá dinheiro, é uma coisa que não tem futuro, e muitas mulheres que dançam só levam isso como esporte. Tipo eu, Cleyd e várias aí, a gente não leva assim, a gente leva isso como profissionalismo, a gente crer que com isso a gente vai ganhar dinheiro, vai conseguir, entendeu? Por que o movimento *Hip Hop* ta em vários lugares, já é uma febre, tipo uma febre, entendeu? Que toca bonito. Os pais que não conhecem eles deveriam procurar ver assim... ir nas escolas, procurar saber. Quando eu fui expulsa de casa, eu fui pra casa da minha outra mãe, que eu moro com meus avós, aí me levaram pro conselho tutelar, o dono do conselho tutelar é um dos maiores representantes do *Hip Hop*, entendeu? Ele já ficou do meu lado, entendeu? Ele já viu que eu gostava... então é isso, o *Break* pra mim é ... eu acordo pensando no *Break*. Quando estou dançando eu mostro minha agressividade [...]. ([Lenny Nayara]⁶).

Diante da fala acima, é nítida a importância do apoio familiar para a consolidação da dança *Break* na vida das meninas. É nítida, também a superproteção dos pais em torno das filhas, que as privam de frequentarem ambientes nos quais há predominância masculina, o que vem reforçar as diferenciações de papéis assumidos por homens e mulheres na sociedade. A mulher é vista como alguém que só precisa de cuidados e proteção, lhe sendo restrito o espaço do ambiente familiar.

Outro aspecto que merece destaque na fala acima seria o não reconhecimento do profissionalismo nas práticas do Movimento *Hip Hop*, compreendido como uma atividade que não gera lucros ou que **não possui função de trabalho**. Isto, aliado à **predominância de homens no Movimento**, restringe o acesso de mulheres em tais práticas. A prática das vertentes do *Hip Hop* é concebida por seu nascimento, trajetória e performances como um **movimento masculinizado**, o que gera uma exaltação e efervescência masculina.

Diante dos aspectos elencados acima e tendo como referência as falas dos/as sujeitos entrevistados/as, elaboramos um quadro sintético e comparativo dos principais fatores que no olhar dos/as jovens, seriam os motivadores da reduzida participação feminina nas práticas *Rap* e *Break* do Movimento *Hip Hop* em Teresina-PI. Neste quadro também são contempladas as concepções sobre o que é “ser homem” e “ser mulher” para os/as jovens *hip hopianos*.

⁶ *B'girl* do grupo Bomber Crew. Dança *Break* há três anos

4. Concepções Sobre o que é “Ser Homem” e “Ser Mulher” dentro das Práticas Rap e Break em Teresina.

Na maioria das falas elencadas acima o **homem** aparece no papel de **provedor** do Movimento *Hip Hop*, visto em sua essência como um **movimento masculinizado**. **Ao homem são atribuídos a força física, a coragem e o papel de comando.**

Apesar de reconhecida capacidade e força feminina, as mulheres ainda são vistas como aprendizes e submissas ao homem. Em muitos depoimentos surge a ideia de “adaptação” ou “modelo masculino”. A mulher apesar de muitos obstáculos rompidos, ainda precisa deixar o “feminismo” para adentrar o movimento que é em sua essência masculino, tendo que se encaixar nos modelos e comportamentos estabelecidos pelos jovens homens nas performances, como evidencia a fala a seguir: “*O Break em si ele já é um movimento mais masculino, então a mulher tem que se adaptar ao meio, em questão da dança, de alguns movimentos...*” ([Luynara]⁷).

Nesta fala temos o homem como modelo a ser seguido. As vontades e interesses femininos encontram-se submissos às decisões masculinas. “*A mulher tem que se adaptar ao meio*”, ou seja, a mulher muitas vezes precisa negar suas reais necessidades e desejos para pertencer ao espaço.

5. Gênero e Movimento Hip Hop: tecendo algumas considerações...

O desenvolvimento da pesquisa nos conduziu a importantes e determinantes elementos que nos fazem avaliar que esta se desfêça com seus objetivos alcançados. Muitos obstáculos emergiram neste trajeto, mas qual caminhada está ileso de desafios e recomeços? Muitas vezes tivemos que voltar e recomeçar, por acreditarmos que o conhecimento é dinâmico e que é tecido coletivamente.

Construímos hipóteses, comparamos teorias e realidades, e no final do percurso trilhado, percebemos que muito do que motivou o início destas inquietudes, também eram preocupações de outros, que juntaram-se a nós para assim, compartilharmos saberes e esboçarmos olhares frente a realidade que se apresenta muitas vezes inquestionável.

O não questionamento nos parece ser o fio condutor deste trabalho. O não interrogar-se sobre aquilo que chega até nós como verdade absoluta e que nós por medo ou comodidade

⁷ *B'girl* do grupo Old Syle Crew.

não “consequimos” desmitificar, mesmo sabendo que muitas delas nos ferem e nos inferiorizam frente a outros seres.

O não questionar-se sobre a supremacia masculina e submissão feminina presente em muitos setores da sociedade. A representação da inferiorização da mulher, entendida como “frágil” e “incapaz”, sendo nós mulheres, muitas vezes as porta-vozes de tamanha brutalidade.

O rompimento destes padrões que ditam regras e comportamentos que são estabelecidos cultural e socialmente, só se torna possível mediante o olhar e posicionamento crítico frente às situações que ferem a dignidade humana e que favorecem posicionamentos desiguais entre os seres humanos.

Em relação ao movimento Hip Hop, se é difícil para o homem pertencer a tal estilo, por ser considerado marginal, para a mulher esta dificuldade se duplica. E mesmo assim, ela está lá. Não ainda em número igual e com as mesmas funções masculinas, mas ela já rompeu a barreira que segrega mulher e ambientes exclusivos masculinos.

A pesquisa nos possibilitou perceber que a mulher está lutando e cada vez mais está ganhando espaço dentro da sociedade. O que nos parece desfavorecer a ascensão feminina está nas próprias atitudes masculinas, que sabem do potencial e força feminina e por isso mesmo eles as reprimem.

6. REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Lenildo Gomes de. Redes de conhecimento nas rodas de samba. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. (orgs.). **Redes culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARRETO, Andréia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete. (Orgs.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. NETZ, Sandra. (trad.). 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1994.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas na educação**. São Paulo: EPU, 1986.

RICHARDSON, R. Et AL. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUSA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: *HIP HOP***. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.